

Um olhar sobre a imprensa periódica de música na década de 1920, em Portugal

*A look over the periodical press about music
in the 1920's, in Portugal*

Mariana Calado

Universidade NOVA de Lisboa / Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas / CESEM (Centro
de Estudos de Sociologia e Estética Musical)
marianacalado@fcsh.unl.pt
ORCID ID: [0000-0003-1956-0385](https://orcid.org/0000-0003-1956-0385)

Resumo: Durante as primeiras décadas do século XX, a imprensa periódica de música em Portugal está em expansão, no seguimento do desenvolvimento do género na segunda metade do século XIX. Sucodem-se projectos, alguns associados a estabelecimentos de ensino e associações, outros especificamente dedicados à divulgação do fado, à propagação da música sacra e à edição de partituras; a maioria são genericamente consagrados à vida musical portuguesa (em particular a de Lisboa, onde quase todos estes periódicos eram editados) e anunciavam-se com os objectivos de orientar o público e de contribuir para o desenvolvimento da cultura musical no país. Porém, à medida que novos títulos surgiam, muitos depressa se extinguíam, sendo poucos os que foram capazes de se manter em circulação, facto que sugere um meio incerto e sujeito à instabilidade económica e social que afectou o país nesta época. Neste artigo pretende-se revelar algumas luzes sobre o movimento da imprensa periódica de música em Portugal na primeira metade do século XX, focando em particular os jornais e revistas lançados na década de 1920, que foi particularmente fértil em novas publicações, o ambiente em que estes se desenvolveram e os elementos que os caracterizavam. A partir da análise de conteúdo de um conjunto de jornais datados de 1927, são observadas mais concretamente as características, orientações, matérias contempladas e percursos deste género de imprensa.

Palavras-chave: música na imprensa periódica; imprensa musical; crítica musical; história da música; história do jornalismo.

Abstract: During the first decades of the 20th century the Portuguese periodical press about music registered a considerable growth, following the development of the genre in the previous century. Several publications appeared during that period. The majority were generically dedicated to the musical life (in particular Lisbon's musical life, since almost all of these newspapers had their offices in the capital), and presented themselves with the purpose of being a guide of the public and to promote the country's music culture. Some were dedicated to specific musical genres, like fado and religious music, and to the edition of sheet music. Although new newspapers appeared, few were able to persist for long, a fact that suggests the instability of the musical scene in Portugal, derived from the economic and social instability that affected the country in this period. This article aims to give some lights on the movement of the musical periodical press in Portugal in the first half of the 20th century and their characteristics, focusing specifically the 1920's, a decade especially rich in new titles. Through the analysis of a group of music newspapers dated from 1927 features, editorial guidelines, contents and the course of this genre of periodical press will be observed.

Keywords: music in the periodical press; musical press; music criticism; history of music; history of journalism.

Introdução

O surgimento da imprensa periódica de música, que não fosse exclusivamente para publicação de partituras, em Portugal, pode ser localizado em meados do século XIX. Progressivamente, partindo da imprensa teatral, na qual se publicavam artigos sobre artista e alguma crítica a espectáculos musicais (sobretudo de ópera), no decurso da segunda metade do século XIX foram-se vulgarizando periódicos dedicados ao debate, divulgação e comentário de assuntos musicais. *O Trovador: jornal musical, literário e de variedades*, de 1855, foi, assim, um dos primeiros jornais estritamente dedicados à escrita sobre música e ao relato da vida musical portuguesa. Nos últimos anos de oitocentos, a estrutura e teor destes periódicos especializados em música estabeleceram-se, criando um modelo de periódico que se encontra em exemplares da época, como *Amphion* (1884-1897) e *A Arte musical* (1899-1915), e que se

repete em jornais e revistas do género no decurso da primeira metade do século XX. Estes periódicos registavam a vida musical portuguesa (em particular de Lisboa e do Porto, com notas mais esporádicas sobre outras localidades e regiões), acompanhando as temporadas de teatros e sociedades de concertos, e contribuíram para a criação e fixação de cânones de autores e de repertório, a partir de artigos e crítica a concertos, assim como para a propagação de assuntos de história e teoria da música. No geral, estes periódicos incluíam artigos informativos (biografias de compositores, investigação de história da música portuguesa, explicações sobre funcionamento de instrumentos e história dos seus construtores, análise de obras em estreia, entre outros), artigos de opinião (nos quais se podia discutir e comentar o ensino musical, interpretação, sociedade e cultura musical, situação profissional dos músicos, empresas teatrais e instituições de ensino, etc.), noticiário (com breves sobre diversos acontecimentos no país e no estrangeiro, agenda, digressões de músicos e próximos concertos, assim como necrologia), e publicidade. Alguns periódicos incluíam (frequentemente de modo irregular) conteúdos extramusicais, como artigos sobre pintura ou crítica literária e de teatro. A inclusão de fotografia, gravuras ou ilustrações dependia dos recursos técnicos disponíveis e da visão gráfica de cada periódico.

Neste artigo tenho por objectivo apresentar alguns dos jornais de música que surgiram nas primeiras décadas do século XX, focando em particular a década de 1920. Em primeiro lugar, farei um breve enquadramento do desenvolvimento da imprensa de música nas primeiras décadas do século XX, que permitiu observar a singularidade daquela década no que toca ao número de periódicos de música publicados, passando em seguida para uma análise dos títulos seleccionados.¹

Marco teórico e estado da questão

De entre os periódicos de música de inícios do século XX que foram influenciados por aqueles modelos estabelecidos em finais do século XIX, pode-se destacar *Arte musical*. Foi lançado no primeiro dia de 1930 e era dirigido por Luís de Freitas Branco, que se inspirou (e possivelmente pretendeu dar continuidade) na publicação congénere que havia sido dirigida por Michel'Angelo Lambertini e na qual o próprio Freitas Branco chegou a publicar alguns textos. Tratou-se de um periódico longo que, sob direcção de Luís de Freitas Branco, se publicou até 1947. Foi depois retomado em 1958 por João de Freitas Branco (filho do anterior)

¹ O trabalho foi realizado no âmbito de Bolsa de investigação financiada pelo CESEM / NOVA FCSH para estudo do património musical histórico, referências UID/EAT/000693/2019 e UIDB/000693/2020.

para uma série que se estendeu até 1973.² Como Manuel Deniz Silva sintetiza, duas das linhas orientadoras de *Arte musical* foram a defesa dos direitos da classe musical e a formação do público melómano e de músicos (Silva, 2005, p. 250). O segundo ponto era particularmente cultivado na publicação de artigos históricos e teóricos diversos, como Isabel Pina observa:

O que se pode verificar a partir deste primeiro artigo [editorial do primeiro número] será a orientação que a revista tentará seguir em todos os números seguintes, dedicados muitas vezes a biografias de compositores e a explicações acerca de questões técnicas e composicionais, de forma a abranger vários temas e tentar informar os leitores sobre a história da música ocidental. Podemos, por exemplo, referir a biografia de Wagner que será publicada ao longo de praticamente todo o tempo de tiragem da revista, bem como o *Tratado de Harmonia* de Luís de Freitas Branco, que será publicado em fascículos. No que diz respeito a artigos que se centram na explicação de questões mais técnicas, um primeiro exemplo poderá ser o artigo “Tonalidade, atonalidade e politonalidade”, publicado no segundo número do periódico, datado de 10 de Janeiro de 1930, em que o autor se dedica à explicação dos três termos que intitulam a crónica, relacionando as várias técnicas de composição com questões nacionais, raciais, geográficas e religiosas, algo que será frequente nos escritos de Freitas Branco ao longo de praticamente toda a sua vida e carreira enquanto colaborador na imprensa periódica portuguesa (Pina, 2016, pp. 95-96).

Apesar da publicação regular de crítica a concertos ter sido introduzida apenas em 1939, após uma reformulação da estrutura de *Arte musical*, parece-me que objectivos e organização que caracterizaram aqueles periódicos de finais de oitocentos encontram eco na orientação deste, com as diferenças devidas tendo em conta o tempo que as separa e os contextos distintos em que se desenvolveram.

Como mencionado, *Arte musical* conta-se entre os periódicos de música de maior longevidade no país. E conta-se, também, entre os jornais de referência para o estudo da vida musical naquela época, após o encerramento de *A Arte musical*, em 1915, e de *Eco musical* (1911-1931), e antes do surgimento de *Gazeta musical* (1950-1998). Pese embora a inegável relevância destes periódicos, para a sua época e, actualmente, para a investigação de recepção de obras, compositores e intérpretes, vivências musicais, redes de contacto, discursos sobre música, etc., não foram os únicos do género a circular no país na primeira metade do século XX. Muitos outros existiram, talvez com menor projecção ou menos leitores, mas que, para um melhor conhecimento sobre a cultura, as práticas e vivências musicais e do

2 Até 2001, data de número triplo especial e última vez que *Arte musical* foi publicada, saiu um número avulso em 1982 e fizeram-se duas séries, uma de seis números em 1986, integrada no *Jornal de letras, artes e ideias*, e outra entre 1995 e 1999. O periódico foi lançado com o título *A Arte musical*, logo em 1931 simplificado para *Arte musical*, título que adopto. Cf. Cid, 2010, pp. 76-78.

património jornalístico, julgo deverem ser recuperados da semiobscuridade em que caíram.

A literatura sobre a imprensa periódica em Portugal no segundo quartel do século XX (período em análise neste artigo) é algo escassa e dispersa. Mesmo *Arte musical* não foi ainda sujeita a um estudo sistemático e aprofundado — tendo sido, porém, trabalhada e algumas das suas características estudadas nas teses de Silva (2005) e Pina (2016). Nos artigos de Andrade (1989), Cunha (2003) e na entrada referente a periódicos de música na *Enciclopédia da música em Portugal no século XX* (2010), que passam em revista tendências e o desenvolvimento da imprensa de música no país, algumas publicações actualmente menos conhecidas são introduzidas e sumariamente descritas no que toca às suas tipologias, conteúdos ou equipa; a enciclopédia inclui entradas para *Guitarra de Portugal* e *A Canção do Sul*, para além de *Arte musical*. A revista *De Música* (1930-1931) é extensivamente analisada por Silva, que a enquadra no âmbito de actividades que conferiram visibilidade à nova geração de compositores formada por Pedro do Prado, Fernando Lopes-Graça, Armando José Fernandes e Jorge Croner de Vasconcelos. A propósito dos movimentos pela renovação musical que tiveram lugar no seguimento da revolta militar de 1926, Silva aborda igualmente *Folha musical de combate* e as campanhas e exigências aí reivindicadas contra a ordem instituída pelo seu director e redactores (Silva, 2006, pp. 111-112). Por último, importa referir a ficha histórica de *Música: revista de arte*, elaborada por Mangorrinha (2013) para acompanhar a consulta da revista no site da Hemeroteca Digital, na qual o autor expõe a breve história da revista, os temas a que se dedicou e colaboradores que recebeu.

Metodologia: O movimento de imprensa de música nas primeiras décadas do século XX, em Portugal

No levantamento de periódicos de música realizado na pesquisa nos catálogos da Biblioteca Nacional de Portugal, Bibliotecas municipais de Lisboa e Biblioteca da Universidade de Coimbra, identifiquei um grande número de jornais e revistas dedicados ao tema “Música”. Organizando-os por década, entre 1900 e 1950, por ordem da data do primeiro número, os periódicos distribuem-se desta forma:³

3 Legenda: * indica os periódicos que se estenderam para além da década na qual foram lançados; + indica edições periódicas de partituras. Na primeira linha, década 1901-1910, são incluídos dois títulos (*A Arte musical* e *O Philarmónico português*) que datam do final do século XIX, mas que se desenvolvem sobretudo nos anos seguintes, pelo que foram também contemplados.

Tabela 1

Movimento da imprensa periódica de música em Portugal, na primeira metade do século XX

Datas	Título
1901-1910	<i>A Arte musical</i> * (1899-1915) <i>O Philarmónico português</i> *+ (1898-1910) <i>Revista do Conservatório real de Lisboa</i> (1902) <i>Revista musical</i> (1902-1903)
1911-1920	<i>Boletim da associação de classe dos músicos portugueses</i> (1911-1913) <i>Eco musical</i> * (1911-1931) <i>Ridículos musicais</i> + (1912) <i>Revista do Conservatório nacional de música</i> (1920) <i>A Música</i> (1918-1920)
1921-1930	<i>Vida musical</i> (1923-1924?) <i>Guitarra de Portugal</i> * (1922-1947) [continua como <i>Ecos de Portugal</i>] <i>A Canção do Sul</i> * (1923-1963) <i>A Semana musical</i> (1923-1924) <i>Revista musical</i> + (1924) <i>Música: revista de arte</i> (1924) <i>Folha musical de combate</i> (1926) <i>Lyra</i> (1927-1928) [continua como <i>Arte peninsular</i>] <i>Música sacra</i> (1927) <i>A Clave de Sol</i> (1927) <i>Música</i> (1927) <i>Orfeu: órgão do Orfeão lusitano</i> * (1927-1933) <i>De Música</i> * (1930-1931) <i>Arte musical</i> * (1930-1947 / 1958-1973 / 1982 / 1986 / 1996-1999 / 2001)
1931-1940	<i>Ritmo: quinzenário de música</i> (1933-1937) <i>Pró-música</i> (1936-?)
1941-1950	<i>Música</i> (1941-?) <i>Boletim do Conservatório nacional</i> * (1946-1950 / 1950-1954) <i>Ecos de Portugal</i> * (1947-1953) [continuação de <i>Guitarra de Portugal</i>] <i>Juventude musical</i> (1949) <i>Vida musical</i> (1949) <i>Gazeta musical</i> * (1950-1957 / 1958-1971 / 1972-1998) <i>Juventude musical portuguesa</i> * (1950-1957)

Fonte: Produção própria

Pela contabilização do número de periódicos, a década de 1920 destaca-se das restantes pelos catorze novos títulos que nesses anos apareceram. Se se lhes juntar *Eco musical*, que transitava da década anterior e permanecia um jornal de referência em assuntos musicais e de defesa da classe, verifica-se que entre a década de 1910 e a década de 1920, a imprensa de música duplicou em número. Tendo em consideração que, nestes anos, diversos jornais diários e revistas⁴ tinham rubricas dedicadas à vida musical, recebendo a colaboração de escritores, músicos e compositores para a escrita de artigos e crítica musical, não deixa de ser impressionante a variedade e número de órgãos que falavam sobre música em Portugal nesta época. Comparando os dados expostos na tabela com a investigação de José Sousa & Lúcia Veloso (1987), observa-se que, inicialmente, o movimento dos jornais de música parece seguir a tendência geral

⁴ No decorrer da década de 1920 era possível ler sobre música em *A Batalha*, *Diário de notícias* e o suplemento semanal *Notícias ilustrado*, *Diário de Lisboa*, *Jornal do comércio e das colónias*, *Novidades*, *O Século*, *Capital*, *Correio da manhã*, *Eva*, *Ilustração*, entre outros.

de crescimento da imprensa periódica, contudo não a acompanha linearmente. Ou seja, se de 1910's para 1920's se regista um crescimento de 100%, logo no período seguinte, da década de 1920 (em que havia quinze periódicos de música em circulação)⁵ para a década de 1930 (em que o número decaiu para sete), observa-se um decréscimo de 53% do movimento de jornais de música. Pelo contrário (apesar da falta de dados estatísticos completos para a década de 1910), as informações recolhidas por Sousa & Veloso demonstram que a tendência do movimento da imprensa periódica portuguesa ao longo da primeira metade do século XX foi sempre de crescimento até meados de 1930's, seguido de um certo abrandamento dos números⁶.

Portanto, o abrupto crescimento do número de jornais de música na década de 1920 não teve continuidade nos anos seguintes. Dos catorze jornais e revistas de música que então apareceram, a maioria não ultrapassou a marca de um ano completo de edição, ou a meia dúzia de números; apenas quatro transitaram para a década de 1930 (sendo que *De Música* terminou quase de imediato, em Maio de 1931, ao cabo de quatro números).⁷

O que foi, então, que poderá ter contribuído para o aumento do número de jornais de música na década de 1920 e a sua interrupção?

1. Contexto em que surge a imprensa de música na década de 1920

À semelhança do que motivou a expansão da imprensa especializada em música na segunda metade do século XIX, em Portugal, — nomeadamente, o desenvolvimento e diversificação da vida musical pública e o surgimento e crescimento de influência de uma classe com aspirações culturais, poder de compra e consumidora de periódicos — o crescimento acentuado do número de jornais de música na época em estudo pode ter sido impulsionada também pela vida musical de então. No editorial do primeiro número de *Arte musical*, Luís de Freitas Branco apontava as alterações, constantes desafios e desenvolvimento do meio musical como motivos que justificavam o surgimento de um periódico especializado, capaz de orientar os seus leitores:

A frequência do Conservatório de Lisboa é das maiores que na Europa e no mundo se registam; no Porto o Conservatório municipal, em Coimbra a Academia de música, veem a sua população escolar crescer de ano para ano; por toda a parte se organizam magníficos orfeões; o disco, a telefonia

5 Os catorze lançados nessa década mais *Eco musical*, que transitava da década anterior.

6 Na década de 1901-1910: 3271 periódicos em circulação; 1911-1920: sem dados estatísticos; 1921-1930: 5292; 1931-1940: 5550; 1941-1950: 4954.

7 *Arte musical* pertence essencialmente às décadas de 1930 e 1940, mas é identificada na década de 1920 para respeitar as convenções de contagem do tempo que coincide com a divisão usada por Sousa & Veloso.

sem fios, levam aos mais remotos cantos da província os ecos dos grandes espectáculos dramáticos e das mais importantes audições sinfónicas e de câmara; é uma exuberância de vida, um redemoinhar de movimento, que a pouco e pouco nos vai levantando ao nível dos melhores centros de cultura musical. Só a quantidade e mais ainda a qualidade das nossas publicações consagradas à música não correspondem a tão notável efflorescência, o que é tanto mais inexplicável que no meio musical português não faltam actualmente pessoas cultas para fazer, nem público para sustentar periódicos desta natureza ([Branco], 1930, p. 1).

Ora, o crescimento do número de estudantes de música em escolas oficiais e superiores de ensino musical, o impacto dos grupos orfeónicos, no ensino da música e na diversificação da vida musical fora dos grandes centros (Lisboa e Porto, sobretudo), assim como as possibilidades introduzidas pela progressiva vulgarização das transmissões musicais por rádio e da indústria discográfica, apontados por Freitas Branco, levaram a um crescimento do público consumidor de música, com interesses musicais, fosse ou não praticante. Na opinião do mesmo autor, este aumento deveria ser acompanhado pela existência de periódicos de música que teriam a função de guiar esse público melómano para a fruição e conhecimento musical, conforme foi já apontado. Outras personalidades poderão ter pensado o mesmo, e, reunindo as condições necessárias, lançado na empresa de criar um jornal de música.

A vida musical neste período (em particular, a vida musical lisboeta) foi marcada por um conjunto de iniciativas e personalidades que movimentava público entre salas de concerto e teatros e ecoava nas páginas dos jornais. Abreviadamente, pode-se citar os concertos sinfónicos semanais da Orquestra sinfónica portuguesa (1911-1928), da Orquestra sinfónica de Lisboa (1913-1930), temporadas de ópera no Coliseu e no Teatro de São Carlos, os concertos-conferência de divulgação musical organizados por Ema Romero Fonseca da Câmara Reis, o surgimento de uma vaga de movimento de recuperação de um passado histórico nacional e que se manifestou na formação do grupo Renascimento musical e na realização de concertos históricos, a actividade de José Viana da Mota (pianista conceituado e director do Conservatório nacional, coordenador da reforma curricular de 1919, que teve impacto nos anos e gerações de músicos subsequentes), Pedro de Freitas Branco (maestro que então iniciava uma carreira de prestígio nacional e internacional), ou a figura de Rui Coelho (compositor bastante activo, participativo e instigador de debates sobre a vida musical portuguesa), entre outros.⁸

8 Esta passagem não pretende ser exaustiva, mas contextualizar resumidamente o meio musical da época, para perceber a que é que muitos daqueles jornais de música se referiam, e procurar perceber que razões poderão ter contribuído para a subida — e posterior descida — dos números de jornais de música nesta época. Para além das actividades mencionadas, eram também regulares os espectáculos teatro-musicais de géneros como a revista e opereta, contudo tenho observado que estes não eram contemplados nos jornais de música, nem habitualmente nas secções de música dos jornais e revistas mais generalistas — aspecto que, embora precise de uma análise mais aprofundada, me parece que é reflexo de um sistema hierárquico de géneros musicais e espaços de convivência reforçado pela imprensa.

Apesar da variedade de manifestações musicais que animavam as matinés e serões de Lisboa, não significa que todos os concertos fossem igualmente concorridos. Por relatos que se encontram em algumas críticas musicais, muito público atendia aos concertos, encontrando-se referências a “enchentes” e “multidões” que ocupavam a sala ou reagiam à música, mas também o contrário é registado.⁹ A propósito da empresa de concertos do Tivoli (fundada em 1927), Silva aponta, entre outros aspectos, a falta de participação do público como um factor que contribui para o fracasso da iniciativa (Silva, 2005, pp. 142-150). Acreditando que quem frequentava os concertos era também quem mais interesse teria em adquirir e ler os jornais de música, a partir destes dados pode-se colocar a hipótese de que também o público leitor era instável, não dando segurança ao projecto editorial.¹⁰ De igual modo, a crise económica que marcou o país no pós-I Guerra mundial, que contribuiu para a quebra generalizada do poder de compra e para a desestabilização política e social na década de 1920, foi certamente um elemento com implicações na vida musical e na baixa taxa de sucesso ou longevidade de diversos jornais de música deste período, alguns dos quais, aliás, tinham o preço avulso elevado (*Música: revista de artes* custava 6\$00; *A Clave de Sol* e *Revista musical* 1\$50, e *Orfeu* 1\$00), preços semelhantes aos praticados por revistas ilustradas, culturais e revistas literárias, e bastante acima dos preços de jornais diários (e estes, como tinham secções de crítica musical, cartaz de concertos e noticiário, podiam ser preferidos).

A revitalização do mercado de imprensa de música durante a década de 1940 (período em que *Arte musical* continuava bastante activa, apesar de atravessar algumas dificuldades, em parte provocadas pela escassez e subida do preço do papel durante a II Guerra Mundial), deve-se ao facto de terem surgido órgãos associados a instituições: o boletim do Conservatório Nacional e duas publicações da Juventude musical portuguesa.

2. A imprensa de música na década de 1920

Recuemos, porém, à década de 1920 e aos jornais de música que nesse espaço de tempo surgiram e, eventualmente, desapareceram, lembrando os seus títulos e anos em que

9 Por exemplo: “Mas, na célebre canção do 4.º acto, electrizou por completo a multidão, que prodigalizou a Tomás Alcaide um verdadeiro dilúvio de aplausos (...)” (Nascimento, 1929, p. 6); “Apesar da noite ter estado de chuva o salão apresentou uma bela enchente.” (Pinto, 1928, p. 2); “O concerto realizado ontem no Ginásio, pela Orquestra portuguesa, teve a primeira enchente registada nesta época. (...) É lamentável que estes concertos não tenham tido mais concorrências, como, de resto, mereciam, pois a organização dos programas tem sido boa. O nosso público, porém, apesar de quinze anos de música sinfónica, está ainda na infância da arte.” (G. S., 1926, p. 7).

10 Hipótese que, no entanto, fica em aberto uma vez que a falta de mais dados e espaço não me permite aprofundar a questão. A aproximação dos jornais de música aos seus leitores seguia em alguns casos uma abordagem que consistia em enviar o exemplar a leitores potenciais, ficando à escolha deste aceitar ou declinar a recepção (e compra ou assinatura) do periódico. Anunciava-se assim em *Música: revista de artes* “Todas as pessoas a quem enviamos o presente número e não no-lo devolvam são consideradas assinantes” (15 de julho de 1924, p. 14).

foram publicados: *Vida musical* (1923-1924); *Guitarra de Portugal* (1922-1947); *Canção do Sul* (1923-1963); *A Semana musical* (1923-1924); *Revista musical* (1924); *Música: revista de arte* (1924); *Folha musical de combate* (1926); *Lyra* (1927-1928); *Música sacra* (1927); *A Clave de Sol* (1927); *Música* (1927); *Orfeu: órgão do Orfeão lusitano* (1927-1933); *De Música* (1930-1931); *Arte musical* (1930-1948, 1958-1973, 2001).

A imprensa de música lançada na década de 1920 é variada. Quanto aos géneros musicais em destaque, inclui dois jornais sobre fado (*Guitarra de Portugal* e *A Canção do Sul*), um de música religiosa (*Música sacra*), além daqueles que, mais genericamente, incidiam na actividade de músicos, agrupamentos e companhias de ópera, intérpretes de repertório de música sinfónica e de câmara, e, menos frequentemente, porém, na actividade de bandas filarmónicas. Quanto a tipologias, abundam os periódicos que publicam texto — artigos, notícias, crónicas, agenda de concertos, crítica musical, podendo incluir a publicação de peças —, juntando-se-lhes o caso de *Revista musical*, dedicada essencialmente à edição de partituras para piano (ou arranjos para piano), com um editorial e uma página final de curiosidades, correspondência com leitores e publicidade. Os dois jornais de fado, por seu turno, publicavam várias páginas de poesia e letras de canções. Quanto à orientação, sobressaem *De Música*, revista de ensaio, doutrina e opinião, abordava questões de estética, linguagem, teoria e história da música, defendendo uma escrita especializada sobre música (nomeadamente na crítica musical que era então praticada na imprensa periódica) (Silva, 2005, pp. 133-141); *Orfeu*, um jornal de divulgação das actividades da instituição que o dirigia, o Orfeon lusitano, e de defesa e promoção do movimento orfeónico; e *Folha musical de combate*, jornal panfletário (os dois números que pude consultar, datados de 20 Agosto 1926 e 8 Outubro 1926, revelam o envolvimento da folha em querelas pessoais e a revolta contra o poder. Assim, o primeiro número ocupa-se da defesa de José Cordeiro (maestro e compositor) contra os maestros Artur Fão e Joaquim Fão, na sequência de acusações de incompetência; o segundo reúne uma série de declarações de várias personalidades, reivindicando-se a demissão do Director-geral de Belas Artes, Augusto Gil, visto que este se mostrava incapaz de criar condições para o desenvolvimento da cultura do país).

Observando-se as datas de lançamento dos periódicos, nota-se que o ano 1927 foi particularmente rico em novas publicações sobre música, com cinco novos títulos — três dos quais, no entanto, não perduraram para além desse ano. Irei finalizar este excurso pela imprensa musical da década de 1920 portuguesa com uma descrição mais detalhada dos percursos, pretensões e conteúdos dos jornais e revistas de música surgidos nesta data.

Música era uma revista de aspecto gráfico cuidado, com a capa assinada por Rocha Vieira, artista plástico que foi também ilustrador de outras revistas da época, entre as quais *Renovação* e *Ilustração portuguesa*. Cada edição (no total saíram seis) incluía notícias e comentários a concertos e às actividades de músicos, geralmente acompanhados por fotografias do(s) protagonista(s). A publicação de comentários laudatórios a músicos como o maestro Pedro

de Freitas Branco, os pianistas José Viana da Mota e Varela Cid, ou ao violinista Paulo Manso, músicos consensuais no meio musical da época, poderia ser uma estratégia para agradar e conseguir mais apoios e leitores. Os textos não eram habitualmente assinados, mas seriam certamente da autoria de José Cordeiro e de Henrique Costa, respectivamente director e editor da revista. José Cordeiro era compositor e maestro de banda militar, enquanto que Henrique Costa era escritor. Em 1927 Cordeiro estreou duas óperas, *Rosa do adro* e *Cavaleiro do Graal* (esta com libreto de Costa). Ambas obras tiveram espaço privilegiado em *Música* para sua divulgação e recepção crítica, o que pode levantar algumas dúvidas quanto à imparcialidade dos comentários e avaliação feitos. De facto, o crítico, na qualidade dupla de compositor, coloca-se numa posição ambivalente na crítica a *Cavaleiro do Graal* — evita emitir juízos sobre a obra, mas não se escusa a apreciar o desempenho dos cantores e a justificar as dificuldades enfrentadas pela orquestra, podendo, assim, responder a críticas e opiniões menos positivas que o espectáculo recebeu noutros periódicos (Pinto, 1927c, pp. 4-5 e 7).¹¹ *Música* terá tido um bom acolhimento do público, tendo por isso sido alvo de uma reestruturação no quarto número (Outubro 1927), passando então a incluir partituras de peças compostas por Cordeiro, com a cedência dos direitos de autor para que pudessem ser tocadas em público, e uma rubrica de esclarecimento de dúvidas e explicação do vocabulário musical. Nesse mesmo número foi anunciado um concurso de composição sobre poesia de Henrique Costa. Segundo nota da direcção, o concurso suscitou interesse entre os leitores e aspirantes a compositores, mas, com a interrupção súbita da revista, não chegaram a ser revelados os nomes de participantes, nem o vencedor seleccionado.

Música resultava do trabalho da dupla Cordeiro e Costa, era uma revista ambiciosa e desejosa de tomar parte nos debates sobre a música em Portugal que então decorriam. Cordeiro envolveu-se activamente na defesa e promoção da ópera nacional, era uma voz enérgica, mas importuna por vezes (ver Silva, 2005, p. 112 e a sua participação na *Folha musical de combate*). Em *Música* ocupou-se da questão da ópera nacional num artigo no primeiro número (Janeiro 1927), em que apresenta várias propostas para a resolução dos problemas que afectavam a indústria operática no país, e na crítica a *Inês de Castro*, nova ópera de Rui Coelho (Fevereiro 1927). Este compositor era igualmente defensor da ópera nacional, mas é aqui hostilizado por Cordeiro que, na recepção de *Inês de Castro*, o critica negativamente e levanta dúvidas quanto às suas qualidades de maestro e compositor, apontando deficiências na estrutura da ópera e falta de ligação entre música e cena, desordem na orquestra, falta de emoção nas cenas cruciais, de sentido musical e artífice harmónico. Apesar da validade da crítica pelo juízo crítico que elabora sobre um espectáculo musical, parece-me que o principal objectivo do texto era demarcar a postura de Cordeiro da de Coelho.

11 A crítica não está assinada, mas pelo texto percebe-se que foi escrita por José Cordeiro.

Apesar da reestruturação de *Música* parecer indicar que a revista tinha algum sucesso, esta terminou no final de 1927. Poderão ter contribuído para isso a abrupta subida do preço a que era vendida e, em consequência, a perda de leitores — para corresponder ao aumento dos custos de impressão provocados pela edição das partituras, o preço subiu de 30 cent. para 3\$00; e os vários afazeres profissionais de Cordeiro, que o impediam de se dedicar por inteiro à revista (por exemplo, o último número conhecido saiu com algum atraso por ter coincidido com a estreia da sua ópera).

Lyra era também produto do trabalho de uma pessoa, João Barreto de Guerra Pais, e servia para divulgação das suas actividades de comerciante, organizador de concertos e cronista. Os produtos comercializados no seu armazém de venda de partituras e instrumentos musicais eram publicitados na revista, aliás distribuída gratuitamente. Foi um dos fundadores da Sociedade portuguesa organizadora de concertos e director da liga “Os amigos da música”, cujos encontros e concertos eram noticiados em *Lyra*. A revista não tinha uma rubrica de crítica musical formal, pelo que publicava sobretudo notícias breves e os programas de concertos que já se tinham realizado, ocasionalmente com uma linha a enaltecer os intérpretes. Amiúde, republicava alguns textos de Guerra Pais, surgidos originalmente no *Diário de notícias*. Nas páginas de *Lyra* foram dinamizadas diversas iniciativas de carácter popular e social, como a angariação de donativos para a construção de um monumento ao músico português, ou a promoção da união entre mulheres intérpretes e professoras de música para lutar contra os desafios da profissão e por melhores condições de trabalho. No editorial do número de Abril/Maio de 1928 anunciou-se a intenção de alargar a revista a outros conteúdos — dança, pintura, poesia, teatro e prosa, e a mais colaboradores. Terminava assim *Lyra*, ao cabo de 9 números, e começava uma nova publicação *Arte peninsular*, revista de cultura com artigos em português e espanhol, da qual saíram dois números.

A *Clave de Sol* assemelhava-se a *Música* na medida que era um jornal generalista nos assuntos que tratava, dirigido a um público amador. A direcção, formada por Luís Filgueiras (maestro e compositor) e por Olímpio Filgueiras, canalizava grande parte dos seus esforços para o recrutamento de mais leitores e assinantes e garantir a manutenção do jornal. Conscientes das dificuldades enfrentadas por outros órgãos e da fragilidade de muitos projectos, chegaram a estabelecer uma campanha de descontos nas assinaturas para os leitores que fornecessem os contactos de possíveis interessados no jornal. Desta forma, embora o primeiro número tenha sido favoravelmente acolhido, como é mencionado no editorial do seguinte, a direcção tinha a noção de que o sucesso de *A Clave de Sol* não estava garantido:

Do nosso primeiro número tivemos de fazer uma tiragem suplementar. Este facto seria de molde a envaidecer-nos se não fôssemos rebeldes e refractários a esse sentimento. Além disso conhecemos, para nosso bem — ou para nosso mal? — o meio e o tempo em que vivemos. Sabemos que os primeiros entusiasmos passam depressa e que, em geral, o sucesso de uma publicação lançada a

público em moldes novos não passa do seu primeiro ou segundo número... É isto no entanto que é indispensável que não suceda com *A Clave de Sol*. Esta revista que se destina exclusivamente aos cultores da arte musical não pode ter a vida mais que efémera das suas congéneres anteriores, não pode durar o que duram, ao que dizem os poetas, as breves rosas de Malherbe. *A Clave de Sol* para proveito e para prestígio até dos estudiosos e dos amadores de música precisa de se manter, de se desenvolver, de alargar a sua esfera de acção e de desdobrar a sua expansão. É necessário que a sua venda, quando não aumente, que se mantenha, pelo menos. E é esse apelo que *A Clave de Sol* hoje faz a todos os seus leitores. *A Clave de Sol* feita por músicos e para música não tem intuítos mercantis — mas para viver precisa de ser sustentada pelo favor do seu público que são os seus leitores. Por isso *A Clave de Sol* roga a todos os que a lerem o favor de se interessarem por ela divulgando-a e tornando-a conhecida de todos os seus amigos e relações de modo a facilitarem não só a sua existência como a melhoria da sua factura e da sua apresentação. E, antecipadamente, many thanks! A todos os professores de música que recomendem *A Clave de Sol* aos seus alunos e que nos enviem pelo menos três assinaturas será oferecida, com o nosso profundo reconhecimento, uma comissão de 20% sobre o preço das respectivas assinaturas (Pinto, 1927b, p. 9).

As cartas enviadas por leitores para rubrica de correspondência do jornal mostram que *A Clave de Sol* conseguiu expandir-se e chegar a vários pontos do território nacional continental. Contudo, parece-me que a sua manutenção e ambições de desenvolvimento e de alargar a esfera de acção foram limitadas pela sua própria apresentação “modesta” (Cunha, 2014, p. 171) e por uma orientação que se distinguiu pouco de publicações congéneres. À semelhança de outros jornais de música, abordava assuntos de História da música, teoria musical e organologia, mas que, por falta de espaço, ou por falta de colaboradores ou meios, eram tratados superficialmente. Embora a revista se dirigisse abertamente ao amator de música, e se propusesse a contribuir para a sua formação, não conseguia cumprir esse desígnio: não era fomentada a discussão de temas da actualidade, nem do pensamento crítico. Ainda assim, iniciou a publicação de um manual de harmonia de Ernst Friedrich Richter (1853, Leipzig), traduzido para português, afirmando-se “Com esta publicação mostramos praticamente quanto nos empenhamos em fazer da nossa *Clave de Sol* uma revista útil e indispensável a todos os cultores da arte musical” (Pinto, 1927a, p. 1). Publicou também algumas partituras de motivos de danças e canções, algumas das quais de números de teatro de revista. Terá tido sete números, o último datado de 1 de Agosto de 1927.

Como o subtítulo indica, *Orfeu* era o jornal oficial do Orfeon lusitano, associação com um grupo coral sediada no Porto, porém não se restringia à divulgação das suas actividades sociais e musicais. O director expressava-se da seguinte forma, na apresentação do programa do novo jornal:

Orfeonistas de Portugal! Embora muito modestamente, singelamente, sem as pompas materiais de preço, numa simples folha mensal, se apresenta o *Orfeu*, pronto para a liça, num combate lealíssimo em defesa da Arte e, muito especialmente, para insuflar no sangue novo dos moços portugueses, nos esperançosos rapazes de hoje, vigor bastante para se trabalhar em prol da Música, para propagar o bom gosto pelo canto coral e para pugnar pela sua dignificação, sem que ninguém se atrepele, sempre a dentro da harmonia, porque a glória, a grande glória não será etiqueta para esta ou para aquele, pertencerá a Portugal! (Caldeira, 1927, p. 1).

Não obstante a ênfase no canto coral, o jornal aproximava-se do modelo típico dos periódicos de música (que caracteriza também *Música* e *A Clave de Sol*), ou seja, publicava notícias e artigos sobre aspectos da vida musical e concertos que se realizavam, dando especial atenção às actividades de grupos corais do Norte do país (Porto, Guimarães, Gondomar, Matosinhos, Espinho, Valadares ou Vila Nova de Famalicão) e de alguns de localidades mais distantes, como Abrantes e Covilhã, e textos diversos referentes a personalidades da história da música (como notas biográficas dos compositores Beethoven, Schubert e Haydn), e artigos sobre colocação e cuidados da voz e interpretação vocal, que estavam directamente ligados com os propósitos e interesses da direcção do jornal e público leitor alvo. Em meados de 1929 passou a publicar críticas a concertos que não eram exclusivamente corais e, em Fevereiro de 1932, foi inaugurada uma rubrica de crónica musical de Lisboa, da autoria de Alfredo Pinto (Sacavém) (escritor e autor de crítica de arte e de música, bastante activo em jornais da capital desde início do século XX). Gradualmente, *Orfeu* alargou as suas áreas de intervenção, o que parece indicar que era um jornal com um número favorável de leitores e que procurava crescer (havendo vendas, há conforto da parte da direcção para explorar novas secções e procurar a colaboração de mais autores). A colecção de *Orfeu* que existe na Biblioteca Nacional de Portugal acaba no número 63, de 15 de Fevereiro de 1933, todavia não há nessa edição qualquer sugestão de que o jornal fosse terminar.

No conjunto da imprensa de música surgida na década de 1920, *Música sacra* (editada em Coimbra) foi um periódico único por se destinar ao estudo e divulgação da música praticada no culto da igreja católica. Reuniu artigos de opinião a propósito do exercício de música em cerimónias religiosas na actualidade, textos sobre música polifónica e uma breve história da música litúrgica; todos os números incluíam um caderno de partituras com peças para coro com acompanhamento de órgão ou harmónio, e para o instrumento a solo, destinadas ao ensino e ao serviço religioso¹². Na rubrica “Sumário e crítica”, assinada por João Policarpo, cada uma

12 Para prestar homenagem a Beethoven no ano em que se assinalou o centenário sobre a sua morte, a edição de Dezembro de 1927 foi inteiramente dedicada ao compositor, publicando artigos sobre a sua fé e um conjunto de peças adaptadas de obras de Beethoven.

das peças publicadas era analisada, contribuindo assim para a faceta pedagógica e interventiva da revista. Esta desempenhava uma função importante numa época em que, como alguns dos seus autores discutiam, era necessário proceder a uma reforma da música usada na igreja, libertando-a de influências de géneros musicais como a ópera italiana, e reaproximá-la do canto gregoriano, contribuindo assim para o renascimento da fé entre as pessoas.

(...) há tempos a esta parte, mudaram o canto da Igreja em canto de palco. Quiseram sensualizar a música e sensualizaram as almas. Sentimentalizaram o canto e ele gerou mórbido sentimentalismo. Ah! a degradação dos costumes que hoje choramos é, em grande parte, devido ao canto pagанизado das igrejas. Queremos mudar os costumes? Mudemos o canto. Queremos espiritualizar as almas? Espiritualizemos a música! Espalhemos, ensinemos, cantemos a música sacra, principalmente na sua forma mais sublime: o desconhecido canto gregoriano (Bernardo, 1927, p. 5).

Era, portanto, uma publicação com um programa bem definido, provavelmente dirigida a um público muito concreto de professores e eclesiásticos. Contudo, estando dependente da licença concedida pelo Bispo de Coimbra, recebeu ordem de encerramento em Maio de 1928. Na origem da decisão terá estado o facto de que algumas das peças editadas terem sido criticadas negativamente, concluindo-se que a revista não estava a corresponder ao desejado. Saiu somente mais um número, para distribuir as partituras que estavam já impressas, com uma explicação do Pe. José da Silva Matos (director de *Música sacra*) sobre a situação e um lamento pelas dívidas que acumulava.

Conclusão

Os jornais e revistas de música que surgiram ao longo da década de 1920 respondem a várias motivações e ambições, pessoais, sociais, culturais, como procurei destacar nos exemplos contemplados. Apesar das características individuais (mais marcada em *Música sacra* tendo em conta a especialização das matérias abordadas nesta revista), estes periódicos seguem um modelo que fora estabelecido anos antes e que se baseava nos eixos de informação, formação e opinião. Tal como aconteceu com publicações idênticas da segunda metade do século XIX e inícios do século XX, a imprensa de música na época em estudo continuava a enfrentar dificuldades de afirmação e de se estabelecer com segurança e longevidade no mercado jornalístico português. Porém, estas publicações continuavam a exercer uma função de relevo, não só na transmissão de novidades e curiosidades, como servindo de meio para debate, recepção crítica de artistas e obras e projecção individual, proporcionando ao mesmo tempo o acesso a partituras novas e a recursos (ensaios biográficos, sobre solfejo e harmonia e interpretação, etc.) para estudo da música.

Referências bibliográficas

- [Branco, L. F.] (1930). A nossa orientação. In *Arte musical*, n.º 1, 1 janeiro.
- Andrade, I. (1989). Edições periódicas de música e periódicos musicais em Portugal. In *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, n.º 62 (Julho-Setembro), pp. 47-50.
- Bernardo. (1927). Qui mutant cantum mutant mores. S. Bernardo. In *Música sacra*, Fevereiro, 5.
- Calado, M. (2020). A imprensa sobre música em Portugal no século XIX. In C. Baptista & J. P. Sousa (Org.), *Para uma história do jornalismo em Portugal*, pp. 83-102. IC-NOVA.
- Caldeira, A. (1927). Pela música! Pelo canto coral! In *Orfeu*, 15 Novembro, 1.
- Castelo-Branco, S. et al. (2010). Periódicos de música. In S. Castelo-Branco (Coord.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, vol. 3. Círculo de Leitores.
- Castro, P. F. & Nery, R. (1991). *História da música portuguesa*. INCM.
- Cid, M. Sobral (2010). Arte musical. In S. Castelo-Branco (Coord.), *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*, pp. 76-78. Círculo de Leitores.
- Cunha, M. H. (2003). *Revistas e jornais de música*. Biblioteca Pública de Braga.
- Félix, P. & Silva, J. (2010a). Canção do Sul. In S. Castelo-Branco (Coord.), *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*, p. 228. Círculo de Leitores.
- Félix, P. & Silva, J. (2010b). Guitarra de Portugal. In S. Castelo-Branco (Coord.), *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*, pp. 602-603. Círculo de Leitores.
- G. S. (1926). Correio musical: Concerto Fão. In *O Século*, n.º 7, 18 Janeiro.
- Mangorrinha, J. (2013). *Ficha histórica de Música: revista de artes*. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/MusicaRevistadeArtes.pdf>
- Medina, J. (Coord.) (1993). *História de Portugal, Volume XI: A República II*. Ediclube.
- Nascimento, H. (1929). Ópera no Coliseu: Rigoletto. In *O Século*, n.º 6, 26 Abril.
- Pina, I. (2016). *Neoclassicismo, nacionalismo e latinidade em Luís de Freitas Branco, entre as décadas de 1910 e 1930*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Pinto, A. (1928). De música (Crónica semanal). In *Jornal do Comércio e das Colónias*, n.º 2, 6 Abril.
- Pinto, A. (1927a). Tratado de harmonia. In *A Clave de Sol*, n.º 1, 1 Maio.
- Pinto, A. (1927b). Para ler e meditar. In *A Clave de Sol*, n.º 9, 15 Maio.
- Pinto, A. (1927c). Cavaleiro do Graal. In *Música*, Dezembro, pp. 4-5 e 7.
- Silva, M. D. (2005). “La musique a besoin d’une dictature”: *musique et politique dans les premières années de l’État nouveau portugais (1926-1945)*. Tese de Doutoramento apresentada à Université de Paris.
- Sousa, J. & Veloso, L. (1987). *História da imprensa periódica portuguesa: subsídio para uma bibliografia*. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- Veloso, L. & Sousa, J. M. (1991). *Publicações periódicas portuguesas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: 1911-1926*. B.G.U.C.
- Veloso, L. & Sousa, J. M. (2001). *Publicações periódicas portuguesas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: 1927-1945*. B.G.U.C.

Periódicos

A Clave de Sol (1927)
Arte musical (1930-1945)
Arte Peninsular (1929)
De Música (1930-1931)
Eco musical (1926-1931)
Folha musical de combate: Pró-arte (1926)
Lyra (1927-1928)
Música (1927)
Música sacra (1927-1928)
Música: revista de artes (1924)
Orfeu: órgão do Orfeon lusitano (1927-1933)
Revista musical (1924)